

DIA DA MULHER: JENNIFER MALDONADO

“Tive a percepção que existiam trabalhos para homens e para mulheres”



Feliz Dia da Mulher

Uma viagem maior do que os quilómetros que separam a Venezuela de Portugal foi a que Jennifer Maldonado fez até conseguir assegurar trabalho na sua área de estudo. Aos 27 anos, já com curso em engenheira de sistemas e alguns anos de trabalho no meio, decidiu mudar-se para terras lusitanas, instalando-se em S. João de Ver, à procura de maior estabilidade e segurança. Os primeiros dois anos não foram “nada fáceis”, o trabalho era escasso, especialmente para quem não sabia falar bem a língua. Trabalhou em fábricas e padarias até enveredar por um curso de informática e

programação, que incluía um estágio de três meses. A oportunidade de ficar na empresa proporcionou-se, mas Jennifer percebeu que a programação não a fazia feliz e recusou.

Focada no emprego que desejava conseguir, voltou à padaria, depois trabalho em loja e por fim limpezas, um passo improvável rumo ao destino que sempre procurou. Quando entrou na Faurecia, o encanto foi imediato e lembra-se de dizer ao segurança que um dia iria trabalhar ali. Meses mais tarde, a vaga surgiu e Jennifer não hesitou. Em agosto de 2021, entrava na Faurecia como estagiária do Helpdesk e finalmente “ao fim de quatro anos e meio de luta, chegou onde queria”. Hoje, é técnica informática e atende pessoas de todo o mundo para resolver problemas com máquinas, sistemas e websites. Uma área que ainda é, confessa, maioritariamente masculina, num rácio de quatro mulheres para seis homens no departamento onde trabalha, algo que já acontecia quando estava na Venezuela.

Jennifer tem, contudo, bem presente a educação feminista que o pai lhe transmitiu. “Ele dizia que a mulher tinha de ser independente, saber fazer tudo sozinha, porque tudo o que um homem conseguia fazer, uma mulher também conseguia”, conta. O pai, inclusive, orientou-a para a área de formação pois dizia ser “muito rentável”. Na empresa onde está, “nunca senti discriminação” por ser mulher, mas recorda o impacto quando chegou a Portugal. “Tive a percepção que existiam trabalhos para homens e para mulheres, que havia essa separação, nas conversas que ouvia, no facto de ser esperado que a mulher fizesse tudo para o homem. Senti-me nervosa quando me apercebi que havia essa diferença”, recorda. É preciso mudar, diz Jennifer Maldonado, e a mudança começa na família. “Não adianta apenas falar, é preciso demonstrar. O meu pai ensinava-me a arranjar o carro, a fazer sopa, dentro da família é que as coisas têm de mudar”, frisa.